

mais imediatas do recém-formado, dentro das amplas perspectivas que a Lei de Bases e Diretrizes oferece para o futuro, uma vez bem compreendida, interpretada e aplicada.

Ao analisar as condições gerais coetâneas do país, a autora colhe algumas informações inaceitáveis, como quando considera, à página 23, a cana de açúcar, entre outras, como **cultura de subsistência**.

Assim, também acreditamos simplista a explicação dada ao “cangaceirismo”, à página 22, como “uma forma nordestina de reação cabocla contra os senhores ricos”, sem considerar o complexo de causalidade, próximo e remoto, desses deploráveis episódios de banditismo sertanejo.

Rico em sugestões, ainda que a autora se mostre discreta em propor soluções ou mesmo em debatê-las, o seu livro apresenta, como vimos, inegáveis qualidades, como a de tratar em suas críticas dos três graus de ensino, articulando a sua problemática, o que, aliás, nem sempre é feito entre nós.

Por outro lado, aborda todos os ramos da educação, dando assim uma visão global do sistema, sem descurar de dicotomias como realidade-legislação, escola-sociedade, aluno-professor, etc., restando, todavia, maior insistência na consideração sobre as relações entre a escola e as demais instituições, no que elas lhe podem complementar, tendo em vista a própria estrutura do sistema educacional brasileiro.

Tôda a exposição é ainda calcada em arrolamentos estatísticos e pesquisas as mais significativas, além de farto documentário que, sem onerar o texto principal, torna esse mesmo texto, êle próprio, um documento significativo sobre a educação nacional.

Num momento em que se iniciam experiências nos três graus de ensino, animadas pela plasticidade que a **Lei de Bases e Diretrizes** acaba de permitir, e ao mesmo tempo em que as transformações sócio-econômicas do país se aceleram, os mercados se ampliam, os movimentos classistas se organizam, as reivindicações para uma melhoria de **status** se articulam e todos se voltam de qualquer maneira em busca de soluções (nem sempre brasileiras) para os problemas brasileiros, êste livro representa contribuição crítico-informativa das mais importantes, para uma das metas de maior desafio para o país: a educação.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

\*

\* \*

ROGERS (Francis M.). — **The quest for eastern Christians**. University of Minnesota Press. Minneapolis, 1962, 221 págs., US\$ 4.75.

Francis M. Rogers, especialista em literaturas românicas e professor da Universidade de Harvard, desde muito tempo revelou seu interesse pela península Ibérica, Portugal em particular, segundo

nós dão testemunho seus trabalhos publicados sob os títulos **The travels of the Infante Dom Pedro of Portugal** e **The obedience of a king of Portugal**. O presente volume, aliás, está em imediata relação com a primeira das obras mencionadas, conforme lemos no prefácio (págs. VII-VIII). Partindo justamente do estudo de um pequeno

“Spanish chapbook, a fantasy in prose by Gómez de Santisteban first published in about 1515, which purported to describe the travels over the four parts of the world of Prince Pedro, older brother of Prince Henry the Navigator”,

passou o Autor a outras publicações dos primeiros tempos da imprensa, notando, então, a existência de todo um corpo de literatura popular consagrada às viagens, o que lhe forneceu material para uma série de conferências pronunciadas em Boston, 1959-1960, no Lowell Institute. Daí resultou o volume que ora nos interessa. Quanto ao objetivo que tinha em mira, esclarece-nos o Autor, como se vê:

“The present series of chapters proposes to establish a direct relation between the knowledge of Indian and Ethiopian Christians available in Jerusalem from the earliest Christian centuries onward, which returning pilgrims disseminated widely in the West, and the presence of the Portuguese in South India and the Ethiopian highlands in the early sixteenth century. Throughout the presentation of the evidence for the chain of events which linked Palestinian knowledge with Portuguese action, emphasis will be placed largely on the early printed books which circulated the information, for it was not mere coincidence that the invention of printing and the beginnings of the Age of Discovery were roughly contemporaneous.” (págs. 9-10).

Para cumprir seu programa, umas tantas idéias norteiam o Autor no desenvolvimento do tema, destacando-se, por exemplo, a preocupação com a unidade cristã, pois com referência a ela abre-se o volume, lembrando-se a convocação do concílio ecumênico pelo papa João XXIII, em 1959. O problema da unidade, bem entendido, não diz tanto respeito às divisões surgidas com a Reforma do século XVI, mas aos grupos cristãos orientais que progressivamente se haviam afastado da Igreja de Roma durante a Idade Média (págs. 13-18). As vicissitudes pelas quais passou o pontificado romano nos últimos séculos medievais fez com que muitos vissem na conquista destes grupos cristãos orientais uma nova fonte de prestígio para Roma, o que se mede pelo esforço no sentido de se compreender a situação dos cristãos do oriente, em especial a partir de Jacques de Vitry, na sua **História de Jerusalém**. Os sonhos relativos ao Prestes João estariam também nesta ordem de idéias e a expansão portuguêsã teria tido, entre outros objetivos, o de estabelecer um contacto direto com a cristandade oriental. O papa Eugênio IV, quando do concílio de Ferrara-Florença (1439), procurou já conseguir a união das Igrejas, notando-se, então, a participação ativa de portugueses nos trabalhos conciliares (págs. 53 e ss.). O príncipe regente Dom Pedro e seu irmão o Infante Dom Henrique, por sua vez, estavam empe-

nhados nesta união, conforme nos informa, entre outros documentos, uma carta de Poggio Bracciolini ao príncipe Dom Henrique. Uma limitação impõe-se, entretanto, na medida em que o plano não era exclusivamente lusitano, mas latino-cristão (pág. 70), o que nos é confirmado pelo exame de diversos livros populares surgidos na época que coincide com os primeiros tempos da imprensa.

O resultado de todos os sonhos, todavia, foi um malôgro, pois

“the way of life of the Eastern Christians was and is and will perhaps forever be different from that of the West. Many, varied, and often immutable or insurmountable factors — climate and terrain, for example — contribute to this tremendous difference. Many Westerners, irrespective of religious affiliation, find it difficult to adapt to Oriental or any other civilization, however determined their intent to become established in those lands and on the terms which those lands pose, and very often they fail to comprehend that Christianity transcends regional difference.” (pág. 160).

A rigidez, a intolerância dos lusos, pretendendo obrigar os cristãos de Oriente a seguir as práticas da Igreja romana, a “arrogância latina”, enfim, teria sido a grande responsável pelo malôgro, embora Portugal não possa ser responsabilizado por isto, pois seguiu uma política que qualquer país, em situação semelhante, teria adotado e para a qual, de fato, havia precedentes (pág. 179). A atitude geral do Autor para com os portugueses,

“the gallant people of this small proud nation (pág. VIII).

aliás, é de constante simpatia no decorrer de todo o vol., por vezes de maneira expressa, por exemplo, às págs 86 e 179, estendendo-se até mesmo à esfera brasileira, como se vê à pág. 181. Acrescenta-se ao bem documentado volume uma lista de livros publicados entre 1467 e 1546.

#### PEDRO MOACYR CAMPOS

\*

\* \*

PRADO (J. F. de Almeida). — **São Vicente e as Capitânicas do Sul do Brasil (História da formação da sociedade brasileira)**. As origens (1501-1531), Brasiliana. Volume 314. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1961, 513 págs.

Um lapso de trinta anos que, pelo carecimento documental e bibliográfico, apresenta dificuldades enormes para o seu conhecimento. Eis o período que, reconhecendo como o da proto-história do sul do Brasil, o sr. J. F. de Almeida Prado tenta historiar neste volume de mais de quinhentas páginas.

Vê-se logo que, consagrando uma obra de tais proporções a tema de tão parca documentação disponível, o autor deve ter sido